

***Eixo Temático 35- EIXO TEMÁTICO VIOLÊNCIAS CONTRA PESSOAS
LGBTI+: REFLEXÕES A PARTIR DA INVESTIGAÇÃO, DA PRÁTICA
PROFISSIONAL E DO ATIVISMO***

**VIVÊNCIAS DE MULHERES TRANS TRABALHADORAS DO SEXO: ENTRE O
CORPO IDEALIZADO E O CORPO RENTÁVEL**

Eduarda Moreira ¹

Joana Topa ²

Sofia Neves ³

RESUMO

Este estudo de cariz qualitativo pretende contribuir para uma maior compreensão sobre os significados que mulheres Trans atribuem às transformações corporais por que passaram e quais o(s) reais impacto(s) que essas mudanças acarretaram nas suas vidas profissionais e, consequentemente, na sua saúde. Participaram neste estudo 6 mulheres trans trabalhadoras do sexo na zona do Grande Porto. Este estudo realça a existência de uma relação estreita entre a pessoas trans, vitimização e discriminação interseccional nos inúmeros contextos onde se movimentam elencando uma clara necessidade de se desenvolverem mais trabalhos que se debrucem sobre a diversidade de trajetos de vida trans, desocultando as suas problemáticas e necessidades, sempre conscientes do integral respeito pelas suas identidades.

Palavras-chave: Mulheres trans; trabalho sexual; saúde.

¹ Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde da Universidade da Maia eduardacrm7@gmail.com

² Professora orientadora: Professora Auxiliar da Universidade da Maia/ CIEG-ISCSP ULisboa, jtopa@umaia.pt

³ Professora coorientadora: Professora Associada da Universidade da Maia/ CIEG-ISCSP ULisboa, asneves@ismai.pt

INTRODUÇÃO

No conjunto dos grupos socialmente mais marginalizados, o das pessoas trans é um dos que assume maior destaque, fruto da persistente hegemonização dos sistemas hetero e cisnormativo (Wirtz e col., 2020). Por este, e por outros motivos, é também um dos que mais riscos de saúde apresenta durante o curso de todo o ciclo vital (The Society For Adolescent Health And Medicine, 2020).

Ainda que as pessoas trans procurem viver de forma concordante com a sua identidade, expressão ou comportamento de género, e que o corpo assuma neste processo uma importância capital, nem sempre recorrem a procedimentos clínicos de alteração corporal (Pinto; Moleiro, 2012). As que o fazem, procurando incrementar o bem-estar pessoal e um maior reconhecimento social da sua identidade (Filho; Rocha-Coutinho, 2013), enfrentam frequentemente desafios múltiplos no acesso e utilização dos serviços de saúde bem como a diferentes níveis nomeadamente a nível do trabalho sexual.

Perante a escassez de estudos sobre este grupo específico em Portugal, este estudo⁴ pretende compreender os significados e os impactos do trabalho sexual na autoimagem corporal e na saúde das mulheres trans que o exercem de forma livre.

METODOLOGIA

Partindo de um paradigma social construcionista e crítico, e procurando privilegiar as subjetividades e as idiosincrasias das participantes, optamos por um desenho qualitativo. Como critérios de inclusão participaram pessoas que se autoidentificavam como mulher trans; ter 18 anos de idade ou mais; ser ou ter sido trabalhadora do sexo e compreender a língua portuguesa.

Participaram 6 mulheres com idades compreendidas entre os 20 e os 60 anos de idade (M=35; SD=13.431), quatro das seis participantes têm nacionalidade portuguesa, sendo uma de etnia cigana, e duas são de nacionalidade brasileira. Todas residem em Portugal e são solteiras. Quanto às habilitações literárias, estas situam-se entre o 4.º ano de escolaridade e a licenciatura.

Usou-se como instrumento de recolha de dados a entrevista semiestruturada que decorreu entre janeiro e julho de 2019. Com a devida autorização foram gravadas em áudio, tendo sido transcritas e sujeitas à análise temática proposta por Braun e Clarke (2006).

⁴ Este estudo resulta de um projeto de pesquisa no âmbito de mestrado. O estudo foi submetido e aprovado para publicação numa revista científica.

O presente estudo teve em consideração todas as normas éticas da investigação científica com seres humanos e o Regulamento Geral de Proteção de Dados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da leitura do nosso corpus de análise emergiu um tema central *Vivências de Mulheres Trans trabalhadoras sexuais*. Este é formado por dois subtemas que se interinfluenciam - Vivências Identitárias e Vivências Profissionais que se explanam de seguida.

Vivências Identitárias

Ao longo do seu desenvolvimento estas mulheres cedo se aperceberam da não conformidade entre o sexo designado no registo de nascimento e o género a que sentiam pertencer, tendo sido igualmente precoce o confronto com a persistente patologização das vivências transexuais ou não binárias (Rodrigues; Carneiro; Nogueira, 2014). O desenvolvimento da identidade e expressão de género femininas foi descrito pelas participantes como um processo difícil, por vezes confundido por terceiros com questões de orientação sexual o que levava a um sofrimento psicológico.

As pessoas trans, com o intuito de realizar a transição para o género com o qual se identificam, recorrerem a diferentes meios sociais, hormonais e/ou cirúrgicos. A cirurgia de afirmação do género para pessoas transfemininas inclui, muitas vezes, o aumento dos seios, a feminização facial e os procedimentos de reconstrução genital (Justin e col., 2020). Todas as participantes descreveram a adesão ou o desejo de realizar a transição, com vista a alcançar o bem-estar. Contudo, referem que não é na genitália que esperavam encontrar a feminilidade e/ou a masculinidade, não sendo por isso a cirurgia de redesignação sexual uma meta obrigatória a atingir.

A construção de uma aparência feminina, a toma de hormonas, a colocação de próteses mamárias, a rinoplastia e o reajustamento das coxas são procedimentos almejados por todas as participantes.

“No meu caso, a primeira coisa foi aumentar os seios, porque os seios aumentam a autoestima da mulher” (E6).

Apesar dos apoios gratuitos por parte do Serviço Nacional de Saúde (SNS) para a realização de alguns procedimentos, nem todos são cobertos. Por outro lado, assiste-se a uma grande morosidade no atendimento, o que ocasiona que algumas mulheres trans optem pelo recurso a serviços de saúde privados ou a vias clandestinas potencialmente lesivas da sua saúde.

“Fiz rabo, injetei em casa, com silicone. Ui, quase morri ... Ai quase que eu morri.”
(E1).

A (re)construção do corpo surge, nos discursos das entrevistadas, como um fim em si mesmo, mas também como um meio para o atingir.

A população trans apresenta riscos de saúde acrescidos comparativamente com a restante população, nomeadamente a nível físico, psicológico e social (Pinto; Moleiro, 2012).

Os/As profissionais de saúde são, por vezes, o primeiro e o único apoio existente, uma vez que a discriminação e estigmatização partem, com frequência, das próprias famílias. O contacto com o sistema de saúde é descrito como exigente e, em alguns casos, são apontadas evidências de discriminação.

“As pessoas são humilhadas. Fazem terrorismo, aproveitam que você é vulnerável, e começam a tripudiar em cima da sua vulnerabilidade” (E4).

Aos constrangimentos de um sistema de saúde público moroso, juntam-se amiúde as práticas de cuidado desadequadas percebidas pelas participantes como atentatórias dos seus direitos fundamentais.

Quando questionadas sobre se já alguma vez tinham sido vítimas de violência em função da sua identidade de género, todas responderam afirmativamente, sendo que na maioria das vezes a violência começa no próprio seio familiar.

“Porque eu fui posta na rua com 14 anos ...Na minha família era super maltratada, insultada, humilhavam-me bastante, batiam-me” (E3).

Também as relações amorosas são, em alguns casos, caracterizadas por processos de vitimação, no âmbito dos quais a sua identidade de género é questionada. As participantes referem ser culpabilizadas por ainda não terem uma vagina ou por serem uma imitação de

mulher (Rocon e col., 2020), quando ainda não realizaram os procedimentos de redesignação sexual.

“(...) quando fui agredida pelo meu companheiro, ele pisou-me a cabeça, eu fiquei com um dente a abanar” (E5).

Adicionalmente, os contextos escolar e laboral, em particular o do trabalho sexual, figuram como aqueles em que a violência é mais sentida.

“Já fui parar ao hospital agredida e violada. Fui apedrejada, durante o dia, fiquei mesmo inconsciente no chão, com a cabeça toda aberta” (E3).

Na realidade, o estigma, a discriminação e a violência sobre as pessoas trans parecem ser uma constante nas diferentes esferas onde se movimentam, traduzindo-se estas vivências em consequências graves na saúde física e psicológica (Oliveira, 2008; Stotzer, 2009).

Como amplamente documentado na Literatura, a exposição a situações de violência afeta negativamente a saúde das vítimas. No caso das participantes, a vitimação que sofrem tende a ser caracterizada como crónica no tempo, refletindo-se na vivência de histórias marcadas pela insegurança e pelo trauma.

Vivências Profissionais

A maioria das participantes refere ter entrado na indústria do sexo para sobreviver, sendo que as alternativas de que dispunham as colocavam numa situação de especial vulnerabilidade social.

“A minha família pôs-me na rua, eu entretanto conheci uma rapariga que estava numa casa abandonada onde viviam vários jovens, que também viviam nas ruas, e essa rapariga levou-me à prostituição e à heroína e à cocaína” (E3).

Também o objetivo de realizar as alterações corporais contribuiu para o envolvimento no trabalho sexual, como aliás é amplamente documentado em outros estudos (Pessoa, 2020).

“Eu trabalhava, mas com o meu ordenado nunca na vida eu ia conseguir pôr um peito, nunca, nunca, nunca. Eu ganhava para sobreviver, não é?” (E1).

A concepção instrumental do trabalho sexual faz com que, em alguns casos, ele não faça parte dos projetos de vida das participantes.

“Ter a minha casa, um potencial marido, cheia de animais, eu adoro animais, que sejam os meus filhos, ... ter um trabalho digno” (E2).

O corpo como instrumento de trabalho é um argumento facilmente reconhecido nas vozes das participantes, as quais parecem ter começado a exercê-lo por não ter outras opções disponíveis. A inevitabilidade do trabalho sexual no percurso destas mulheres convoca à reflexão sobre a pressão adicional a que estão sujeitas no que diz respeito aos seus corpos e aos usos que deles fazem.

Apesar de todas as participantes considerarem que a única vantagem inerente ao trabalho sexual é a rapidez com que se ganha dinheiro, várias enunciam que o mesmo acarreta inúmeras desvantagens, tais como a exposição a práticas sexuais consideradas desadequadas, violência e problemas de saúde, inclusive emocionais.

“A desvantagem que há é apanhar doenças. Se nós não tivermos cabeça, nós morremos cedo.” (E1).

A maioria das participantes mencionou ter cuidados de saúde no exercício da profissão, muitas vezes estimulados por organizações não governamentais (ONG's).

“Existem algumas ONG's em Portugal que cuidam das profissionais do sexo, independente de ser uma trans, (...) e eu já procurei no sentido de fazer exames, de ver se está certinha a minha a saúde, saber de doenças sexualmente transmissíveis, (...)” (E6).

Não obstante, foram reportados casos de abuso de substâncias, cuja manutenção era garantida pelo recurso ao trabalho sexual.

“As drogas também faziam sempre não largar a prostituição” (E3).

O trabalho sexual, apesar de se poder manifestar como um contexto de reconhecimento e valorização das identidades e corpos destas mulheres, apresenta-se também como um contexto de grandes desafios.

Quando analisados os processos de tomada de decisão relacionados com o corpo e a sua (re)produção no contexto profissional, constata-se que todas as entrevistadas realizaram

alterações no sentido de otimizar a procura, a satisfação e fidelização de clientes. Não é consensual, no entanto, a ideia de que a cirurgia de redesignação sexual seja benéfica para todas as mulheres trans trabalhadoras do sexo.

“Quanto mais o corpo feminino tiver, mais atrai os homens (...) o que lhes atrai a eles é o lado feminino e depois descobrir o resto, porque nós somos considerados o terceiro sexo.” (E1).

A imagem corporal socialmente considerada feminina demonstra-se bastante importante para as participantes, embora a construção do que é ser-se mulher manifesta-se para além de uma genitália e de um corpo. O contexto de trabalho sexual parece reconhecer diferentes identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação que as participantes estabelecem com o seu corpo remete para a dialética entre o físico-orgânico e o contexto cultural e social onde as práticas corporais se estabelecem (Pessoa, 2020). Se, por um lado, o corpo simboliza a afirmação da identidade de género feminina, por outro, ele é um instrumento de trabalho que se serve a si mesmo. Se para algumas das participantes o corpo rentável surge como meio para se chegar ao corpo idealizado imposto pelo sistema cissexista e cisheteronormativo e desejado por elas (Rodrigues; Carneiro; Nogueira, 2014), para outras o corpo idealizado nem sempre está alinhada com o pressuposto do binarismo de género, onde diferentes identidades e diferentes corpos parecem ser possíveis e atrativos para as pessoas clientes.

A (re)construção do seu ideal feminino enfrenta diferentes desafios. Porque o acesso ao SNS é demorado e porque temem uma abordagem discriminatória por parte dos/as profissionais de saúde, muitas mulheres trans trabalhadoras do sexo optam por recorrer a mercados clandestinos, mesmo conhecendo os riscos a que podem ser expostas.

Em investigações futuras seria pertinente um estudo mais alargado com mulheres trans trabalhadoras do sexo que permitisse melhor compreender as conexões entre classe, nacionalidade, identidade de género e demais eixos de discriminação. Por outro lado, seria premente explorar junto de profissionais de saúde e de ONG's as perceções e dificuldades inerentes ao atendimento e acompanhamento destas mulheres.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. Guidelines for psychological practice with transgender and gender nonconforming people. *American Psychological Association*, Bethesda, v. 70, n. 9, p. 832-64, 2015. doi: 10.1037/a0039906
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, Abingdon, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.
- COLEMAN, E. e col. Standards of care for the health of transsexual, transgender, and gender-nonconforming people. *International Journal of Transgenderism*, Abingdon, v. 13, n. 4, p. 165–232, 2012.
- FILHO, T.; ROCHA-COUTINHO, M. O corpo feminino transexual. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO. Santa Catarina, Brasil, 2013.
- JUSTIN, T. e col. Gender-affirming surgical techniques, complications, and imaging considerations for the abdominal radiologist. *Abdominal Radiology*, v. 45, p. 2036–2048, 2020.
- MONTEIRO, S., & BRIGEIRO, M. Experiências de acesso de mulheres trans/travestis aos serviços de saúde: avanços, limites e tensões. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 4, 2019.
- OLIVEIRA, A. *O mundo da prostituição de rua: trajetórias, discursos e práticas: um estudo etnográfico*. 2008. Tese (Doutoramento) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, 2008.
- PESSOA, E. *Encarnando a Europeia: Biografias corporais, (i)mobilidades e subjetividades de trabalhadoras do sexo trans e travestis brasileiras em Lisboa*. 2020. Tese (Doutoramento) - ISCTE, Lisboa, Portugal, 2020.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

PINTO, N.; MOLEIRO, C. As experiências dos cuidados de saúde de pessoas transexuais em Portugal: Perspetivas de profissionais de saúde e utentes. *Psicologia*, Lisboa, v. 26, n. 1, p. 129-151, 2012.

ROCON, P. C. e col. Vidas após a cirurgia de redesignação sexual: sentidos produzidos para gênero e transexualidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, p. 2347-2356, 2020.

RODRIGUES, L.; CARNEIRO, N. S.; NOGUEIRA, C. *Transexualidades: olhares críticos sobre corpos em crise*. In: JESUS, J. G. *Transfeminismo: Teorias e Práticas*. Rio de Janeiro: Metanoia Editora, 2014. p. 137-156.

STOTZER, R. Violence against transgender people: A review of United States data. *Aggression and Violent Behavior*, Amsterdam, v. 14, n. 3, p. 170-179, 2009.

THE SOCIETY FOR ADOLESCENT HEALTH AND MEDICINE. Promoting Health Equality and Nondiscrimination for Transgender and Gender-Diverse Youth. *Journal of Adolescent Health*, Philadelphia, v. 66, n. 6, p. 761-765, 2020. doi: 10.1016/j.jadohealth.2020.03.016

WIRTZ, A. L. e col. Gender-Based Violence Against Transgender People in the United States: A Call for Research and Programming. *Trauma, Violence, & Abuse*, London, v. 21, n. 2, p. 227-241, 2020. doi: 10.1177/1524838018757749